

# CPI faz estragos em sonhos e candidaturas de 94

Orcamento

GERALDA FERNANDES  
HELENA CHAGAS

**CORRUPÇÃO**

Antes mesmo de concluir quem é culpado ou inocente, a CPI do Orçamento já se transformou numa máquina de devorar candidaturas às eleições de 1994. A cadeira no Senado, sonhada por Ricardo Fiúza; o Governo da Bahia, almejado por Genebaldo Correia; o cargo de vice-governador do Maranhão, na chapa de Roseana Sarney, para Cid Carvalho; e as ambições presidenciais de Ibsen Pinheiro, além das reeleições da maioria dos acusados, já foram para o espaço. "Quem tiver seu telhado de vidro não deve nem se arriscar a sair candidato", constata o deputado Aloísio Vasconcelos (PMDB-MG), um dos preocupadíssimos peemedebistas que temem pelo destino do partido — o mais atingido pelas denúncias — no pleito do ano que vem.

A várias semanas de seu encerramento, a CPI já mudou o quadro eleitoral em vários estados. A maior deceção da CPI, e de todo o Congresso — o envolvimento do deputado Ibsen Pinheiro —, tira de cena um possível candidato à presidência da República ou ao governo do Rio Grande do Sul. "Só ter o nome citado num depoimento transmitido ao vivo para todo o País já acaba com qualquer um", queixou-se Ibsen, várias vezes. Toda a credibilidade angariada pelo deputado durante o impeachment de Collor foi levada de roldão pelas acusações. Segundo um companheiro de

partido, ele se arrisca a não obter nem mesmo a reeleição. Para enfrentar o petista Olívio Dutra na disputa pelo governo sobram, no PMDB, os nomes do ministro Antônio Britto e do deputado Mendes Ribeiro.

Na Bahia, do deputado João Alves, que está morto politicamente, o número de candidatos também já diminuiu. O ex-líder do PMDB Genebaldo Correia já nem pensa mais em ser o sucessor de ACM — corre sério risco a própria reeleição. Ponto para o grupo do senador Rui Bacelar, que com ele disputa a hegemonia do PMDB no Estado. E, da mesma maneira como devora candidaturas, a CPI tem o poder de fazer estrelas subirem. É o caso do deputado Benito Gama, que quer ser o candidato do PFL e está capitalizando bem o espaço obtido como coordenador da subcomissão de bancos.

A queda de Ricardo Fiúza — um potencial candidato ao Senado numa possível aliança com Miguel Arraes contra Jarbas Vasconcelos — também muda o quadro pernambucano. "Não volto no ano que vem. Já foi um erro minha eleição", diz Fiúza, que sequer disputará a reeleição. Se Fiúza cai, quem sobe é o relator da CPI, Roberto Magalhães, que ganhou uma chance única de sobressair em meio aos escândalos. Magalhães é candidato declaradíssimo ao governo do Estado, pelo PFL ou pelo PSDB. Também "rodam" os "anões" Sérgio Guerra e José Carlos Vasconcellos.

Outro estrago da CPI ocorreu no Maranhão. As denúncias pegaram em cheio a aliança que estava sendo formada em torno da candidatura da deputada Roseana Sarney ao governo do Estado pelo PFL. Já

estava mais do que acertado que o deputado Cid Carvalho seria seu vice, trazendo o apoio do PMDB. A aliança previa ainda a reeleição do ministro Alexandre Costa e a eleição do governador Edison Lobão, ambos ao Senado, na mesma chapa.

**Paulistas** — A CPI do Orçamento também já abalou candidaturas em São Paulo. O escandaloso envolvimento do quercista Manoel Moreira, denunciado pela ex-mulher, Marinalva, fez respingar no ex-governador Orestes Quérica — já abalado por denúncias de irregularidades em seu governo — e no atual governador, Luiz Antônio Fleury, parte da lama. O PMDB está sem candidato em São Paulo. "Em São Paulo, o candidato é o Mário Covas", diz o peemedebista Maurílio Ferreira Lima, para quem o PMDB só terá saída, em 1994, se se aliar ao PSDB e expulsar de seus quadros os corruptos. Não por coincidência, Covas, candidatíssimo, recuperou-se de uma cirurgia e veio correndo para Brasília integrar a CPI, ao constatar que o PT vinha faturando sozinho.

O candidato petista ao governo de São Paulo, José Dirceu, não é membro da CPI, mas não sai de lá, ciente de que o palanque começa na atuação durante as investigações. O crescimento do PT, com a CPI, vem preocupando muito os adversários. Não foi por outro motivo que o presidente do PPR, Esperidião Amin, que andava sumido nos últimos dias, reapareceu para ressuscitar a CPI da CUT. O PPR, porém, deverá sofrer uma baixa na disputa pelo governo do Piauí, onde o líder José Luiz Maia sairia candidato antes de se tornar mais um integrante da lista do economista José Carlos Alves dos Santos.

Geraldo Magela



Genebaldo, em baixa, com Roseana, que agora nega ter convidado Cid Carvalho para vice de sua chapa